

CADERNO DE LEMBRANÇAS

Guilherme Azambuja Castro
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

No curso de Doutorado em Letras/Escrita Criativa, que concluí em dezembro de 2018, pela PUCRS, escrevi um livro de contos: *Topografias da solidão*. Nos contos, que são resultados de um trabalho memorialístico, técnico e criativo, quis representar a minha vivência no município de Santa Vitória do Palmar, situado no extremo sul do Rio Grande do Sul. Uma vivência que diz respeito à infância – portanto, ao passado – mas também está intimamente ligada ao momento de escrita, de ação. Assim, para criar um espaço literário, mítico, símbolo de isolamento humano (uma “prisão geográfica”), precisei encontrar um meio para exercitar a memória. Tomando a lembrança como ato, um fazer criativo presente, surgiu no processo de escrita de *Topografias da solidão* o “Caderno de lembranças”. O caderno é um documento onde se pode observar a gênese de alguns contos. A princípio sem uma preocupação estética, deixei que jorrassem nas páginas do caderno fatos que vivi ou que pensei ter vivido. Depois, muitas entradas me levaram a criar contos, outras não. No entanto, algumas delas constituem relatos com todos os elementos narrativos: personagem, tempo, espaço, narrador, até mesmo o esboço de uma trama. Aqui, proponho mostrar aos leitores justamente as entradas que até agora não me levaram à escrita de um conto, propriamente, porém (é o meu desejo) penso que talvez possam proporcionar algum prazer de leitura.

12/06/2017

Inauguro este caderno. Aqui pretendo escrever exercícios de lembrança. Não vou me preocupar com forma nem com gêneros literários. Este espaço é de catarse, equívocos e excessos. Meu objetivo é que uma lembrança me leve a outra, e assim por diante. Quero buscar, explorar imagens, histórias, fatos que me emocionaram e que possam, quem sabe, servir de matéria aos contos que venho escrevendo e pretendo reunir no livro *Topografias da solidão*.

Será um inventário dos lugares da minha memória. Serei um explorador do passado. Aquele que evoca, se esforça para recordar, caça a imagem, não espera a lembrança espontânea. Aquele que diz a si mesmo: “lembra-se de quando...”.

Eis o ponto de partida.

Começo pelo ano de 1983. Tenho três anos; nasci em dezembro de 1979. No tempo, o ano de 1983 é aonde chega o meu esforço de recordar. E o que trago desse lugar são as visitas à casa do meu bisavô, avô da minha mãe. Lá, também viviam minha tia-avó e meu tio-avô.

Lembro-me por que me agradava visitar o meu bisavô: gostava de ver a sua dentadura. Um dia, nela estava grudado um pedacinho de alface. Lembro-me do verde da alface sobre o rosáceo da gengiva artificial. Depois, sempre que pedia a ele que mostrasse a dentadura, para a minha tristeza não havia mais aquele pedacinho fascinante de alface. Na minha compreensão infantil das coisas, sempre que eu o visitasse haveria um pedacinho de alface na dentadura, assim como teria sempre os ovos de galo para comer no pátio da imensa casa onde ele vivia e que ainda fica na rua Conde de Porto Alegre, defronte ao antigo Meridional, em Santa Vitória, mas habitada por outros proprietários.

Seu pé direito era altíssimo e havia muitos cômodos. Numa salinha, servia-se o chá. Na sala

de estar, havia uma televisão a cores onde, certa vez, assisti ao Pepeu Gomes tocar guitarra no programa do Chacrinha.

Quando meu bisavô morreu, os filhos venderam a casa. Tive um grande desgosto. O sentimento de “nunca mais”. Eu ainda tinha três anos, e ele, noventa e nove. Mas dizia-se que ele tinha um ano a mais do que estava registrado na certidão. Então, ele teria morrido com cem.

Toda vez que passo na frente do antigo Meridional, em Santa Vitória, sinto o sabor dos ovos de galo.

14/06/2017

Nenhuma imagem, nenhuma lembrança da voz. Recordo apenas uma fotografia sobre a lareira da casa dela, passando duas da minha, ao sul. Era um pôster horizontal com todas as crianças da casa. Lili, a do meio. Quando ela morreu, eu teria sentido muita falta, mas não sabia o que era morrer. Éramos pequenos. Com tantos dias de ausência, concluí que ela havia sido levada por estranhos.

Vesti meu coldre com dois revólveres de plástico e resolvi que, a mim, ninguém levaria. E me pus de guarda na janela de casa, onde eu gostava de ficar catando moscas com os dedinhos. Não sairia mais à rua.

Conta minha mãe que eu só aceitava ir para a escola infantil com o coldre, e assim, no caminho, poderia sacar a arma na hipótese de algum suspeito se aproximar. A escola ficava no Colégio Estadual, a uma quadra da minha casa. Com a exceção da escola, eu não saía para a rua em nenhuma outra hipótese. Meus pais procuraram uma psicopedagoga, e um dia chegaram à conclusão de que eu precisava saber o que tinha acontecido de verdade com a Lili. Mas tenho a sensação de que foi no verão daquele ano, 1983, que eu tive pela primeira vez a compreensão do que era morrer. No dia 17/03/2017, escrevi em meu caderno de notas: “Quando eu tinha três anos, estávamos na beira do Arroio Chuí eu, minha mãe e meu pai. Alguns amigos deles também. Pescavam, tomavam sol, se banhavam na água salobra de um braço morto do arroio, que parecia um riacho. Meu pai entrou na água e logo saiu. ‘Ali é fundo’, ele disse. ‘Não vai ali’. Antes que ele terminasse de falar eu já corria em direção ao proibido. Fui afundando, afundando. Eu podia ver a superfície cor de caramelo iluminada pelo verão enquanto afundava. A superfície cada vez mais longe, cada vez mais opaca. Embora tivesse permanecido com os pés longe do chão, sem respirar, por bem menos do que um minuto, nesse tempo pude sentir algum significado. Eu não era um suicida. Não tinha a menor capacidade intelectual para isso. Com três anos, tem-se três anos apenas. Morrer era coisa que ocorria às formigas e às bisavós. Pulei no precipício porque meu pai disse para não pular. Porque era perigoso. Pulei, talvez, por um desejo que ele me mostrasse o controle e o modo de viver: trazendo-me de volta à luz, ele talvez pudesse mostrar a minha fragilidade, e que uma vez ele não estando ali eu tampouco estaria”.

16/06/2017

Rubem era um dos meus amigos da rua General Portinho. Irmão de Lili. Robusto, brigão. Volta e meia nos insultávamos: ele da varanda da casa dele, eu da minha. Nossas mães eram classificadas da pior forma. Depois ficava tudo bem. Seguíamos jogando bola no corredor dos carros da casa dele. O portão da garagem já estava em pandarecos por causa das boladas. O jogo chamava-se “mete e vai”. Quem metia a bola no gol, ia de goleiro. Nem adiantava trocar o portão, em poucos dias já estaria todo rachado, não pelos meus chutes, que eram fraquinhos, mas pelas bombas do Rubem.

Na casa dele sempre era possível depararmos com um prato de mocotó nos lugares menos óbvios. Lembro-me de ver um, já mofado, num canto do quarto dele. Minha mãe foi fazer uma visita e, no sofá, sentou num prato de mocotó. Havia um buraco na parede da sala. Aparecia o cimento e o tijolo. Teria uns cinco centímetros de diâmetro. O Rubem disse que o pai dele um dia apontou a arma para a parede e atirou. E na minha imaginação eu criava esta cena: o homem está

sentado assistindo à televisão. Então ele levanta, abre uma gaveta, apanha o revólver, mira na parede e atira. Depois volta ao sofá e muda o canal na televisão. Estaria passando agora, em minha cena, um filme do John Wayne. *Justiciero implacável*, possivelmente, que meu pai gostava muito. Ele também gostava de *Silverado*.

Por causa de uma de nossas brigas, Rubem proibiu que eu passasse na frente da casa dele. Disse que, se eu pisasse na calçada dele, ia me dar uma sova. Passei a evitar a segunda parte da quadra. Durava dias a promessa e meu pai ficou sabendo. Obrigou-me a passar pela calçada do Rubem. Se ele viesse para cima, eu devia lhe dar um soco. Me fez dar uns nas palmas da mão dele. Eu dei, mas com vergonha, porque o pai do Rubem estava lá em casa. Os dois estavam consertando a nossa geladeira, ou seria um freezer que meu pai comprara usado, num brique. O pai do Rubem disse: “com esses socos, meu caro, eu não apostaria cem cruzeiros em ti”.

Meus socos eram terríveis. “Afirma essa mão podre”, dizia meu pai. “Afirma!”

Desisti.

Antes de pisar na calçada proibida, preparei um suco com pimenta dedo-de-moça. Minha mãe plantava pimenta no mesmo canteiro onde havia uma roseira e os meus chás de hortelã; nossa empregada, a Comadre, me chamava de “o homem dos chás”. Bati duas pimentas com água no liquidificador, e pus o suco numa seringa. Meu pai aplicava injeções.

Ele tinha largado o curso de veterinária, em Pelotas, no último semestre, e começou a trabalhar na campanha, parte do campo que herdara do meu avô. Lá, plantava arroz, era o que fazia para viver. Para mim e para minha irmã, no entanto, a campanha significava diversão, não trabalho. Bem, apesar de ter largado a veterinária, meu pai tinha boa mão para as injeções. Fazia a bunda doer menos que no posto de saúde. Ele aplicava em qualquer vizinho que vinha pedir, por isso havia diversas seringas espalhadas pela casa.

Usadas, inclusive.

Enchi uma delas com o suco de pimenta e a prendi no elástico das calças. Estava pronto para enfrentar o Rubem. Mas não imediatamente. Guardei a seringa na gaveta da escrivaninha, junto aos meus escritos, minhas letras de músicas, as fábulas de Esopo que, na máquina de escrever, copiava do Novo Tesouro da Juventude.

A gente se cruzava pelo bairro sem se falar.

Rubem me olhava e eu olhava para ele. De longe. Não havia raiva em nossos olhares. Aliás, havia sim, no começo, e ódio, e medo; depois, indiferença. Logo em seguida, um desejo de se aproximar.

O suco de pimenta já estava apodrecido na gaveta quando nos demos as mãos.

Noutra briga, eu e Camilinho resolvemos fazer um boneco do pai do Rubem em meu pátio. Camilinho morava ao lado da minha casa. Usamos as roupas velhas do meu pai, milho para os olhos, areia (meu pai estava construindo uma garagem) para a pele, e os dedos eram prendedores de roupa. Começamos a girar de bicicleta em torno do boneco, proferindo maldições. Não me lembro das palavras malditas, mas sei que, pouco tempo depois, os pais do Rubem se separaram. O Rubem foi morar com a mãe dele, a duas quadras dali, o pai ficou na General Portinho.

Perdi o contato com Rubem por uns tempos. Ele estudava num colégio municipal, assim como o Camilinho, eu estudava no São Carlos, o único colégio privado de Santa Vitória, administrado pelas Irmãs Scalabrinianas.

Certo dia, meu pai chega com a notícia de que Rubem estava no hospital. Tinha bebido duas garrafas de Coca e não sei quantas latinhas de Leite Moça. Demoraram dias para descobrir que ele era diabético. Tinha um corpo de passarinho, meu pai disse, quando o levaram quase morto para a Santa Casa.

Enterramos o boneco no pátio da vizinha de trás, a dona Norma, debaixo da goiabeira, onde, poucos anos depois, eu viria a enterrar o Floqui, meu cachorro que morreu afogado na piscina, e notamos que o boneco já tinha se decomposto, graças a Deus.

17/06/2017

Camilinho também era diabético.

Curiosamente, aconteceu com ele algo parecido. Foi parar no hospital com 500 de glicose. Pele e osso. Quando me lembro do Camilinho, ele está sorrindo, os dentes da frente cariados: uma mancha preta, ovalada, bem no meio. Às vezes, ele ia ao dentista e botava “massinha”, que logo caía.

Eu preferia brincar com o Camilinho. Ele fazia tudo o que eu mandava. Se eu o mandasse se atirar de cima de um telhado, ele se atirava. Na casa dele podíamos beber vinho. Lá da portinha de grade, eu o via na cadeira de balanço; para frente e para trás, meio curvado, as mãos enfiadas entre as pernas, assim ele assistia às novelas na tevê. Eu destrancava a portinha e entrava como se fosse de casa. Mas nunca podíamos fazer muita coisa nem falar alto. O pai dele estava sempre dormindo. Ele trabalhava como padeiro à noite, e ainda pegava uns serviços de pedreiro.

Nos sábados e domingos, eu acordava com a música deles. A janela da sala, onde eles tinham o aparelho de som, ficava em frente à do meu quarto. Roberto Leal, Roberto Carlos, Fagner cantando “quem dera ser um peixe”. Na minha primeira manhã em Porto Alegre, quando mudei para cursar Engenharia Civil, tive a sensação de que acordava com uma canção do Roberto Carlos. Então percebi que era Porto Alegre, Cidade Baixa, 1996, um futuro incerto pela frente.

Um dia, Camilinho me mostrou uma porção de brotoejas no braço. Era um cobreiro. Se os pontinhos aumentassem, “a cobra encontrando o rabo”, disse ele, sorrindo, “vou morrer”. Dizia isso como se estivesse acostumado à ideia da morte. Até poucos anos atrás, quando ia à Santa Vitória de férias, ainda o encontrava pelo bairro. Agora não mais. O pai dele morreu. Venderam a casa. Não sei qual é o paradeiro da família. Ele era o único que ainda falava comigo. Sua mãe havia – quando eu devia ter uns catorze anos – cortado a relação por causa de um evento. Foi mais ou menos assim:

Minha mãe sempre deixava as chaves de casa com ela quando saíamos. Um dia em que a casa estava trancada, retornei sozinho, mas não tinha as chaves. Era para apanhar um aparelho de som, o meu primeiro *CD player*. Ela negou-se a me entregar as chaves. Ela sabia que era para apanhar o som que animaria uma festa, noutro bairro, onde eu estaria com os meus amigos do colégio, uma festa para a qual o Camilinho não havia sido convidado. Ela se pôs à porta, as mãos na cintura, e disse que as chaves eu não apanharia.

Camilinho estava lá, como sempre, na cadeira de balanço, sentado sobre as mãos. Ele apontou com o nariz para onde estavam as chaves, na prateleira da tevê. Esquivei-me da mãe dele, peguei as chaves num só gesto, depois nunca mais entrei lá. Outro dia, minha mãe disse que o encontrou na praia do Hermenegildo, onde ele mora e trabalha como pedreiro. Sempre que ela menciona o Camilinho, acho que vai anunciar a morte dele. E lembro não da diabetes, mas do cobreiro. Ele dizendo: “a cobra encontra o rabo e babau”. Mas ela disse que Camilinho parecia bem de saúde, só tinha perdido um dedo.

19/06/2017

A minha casa ficava na rua General Portinho, n. 184. Meus pais ainda moram lá. E pelo menos duas vezes ao ano, nas datas festivas, eu faço uma visita. Levo a Gabriela, minha filha, meus pais adoram. Ela também. Já fez umas amiguinhas em Santa Vitória. Nesse verão, aprendeu a andar de bicicleta sem rodinhas na Barra do Chuí, coisa que não vinha conseguindo em Porto Alegre.

Um ano depois que eu nasci – 1980 – meu avô materno deu aos meus pais a casa. Meu pai construiu um quarto a mais, o do casal, e algum tempo depois, a garagem. A casa começava diretamente no cômodo que chamávamos de “salinha do telefone”, porque, obviamente, tinha um telefone – o único da quadra. Na década de 80, pouca gente tinha linha telefônica. Era caríssimo, precisava ser acionista da CRT. Minha mãe herdou a linha telefônica (as ações da CRT) da irmã da minha bisavó. Por isso, tínhamos o número 631754.

A linha foi motivo de brigas entre minha mãe e as primas, e não sei bem por que cargas d’água ela acabou ficando conosco. É uma história que preciso perguntar a ela, farei isso quando ela vier a Porto Alegre.

As pessoas iam lá pedir para fazer chamadas. Havia um senhor que todos os meses ligava para o filho, que morava em Porto Alegre. Gritava ao telefone, porque afinal entre Porto Alegre e Santa Vitória eram quinhentos quilômetros.

O pai do Pedro também usava o nosso telefone. Uma vez, numa chamada, ouvi-o dizer “por obséquio” e achei a maior graça. Meu tio-avô emprestado, o vô Procópio, também ia usar o telefone. Falava com a filha, que morava na Austrália desde que se formara em Biologia, e o filho, que estava na Dinamarca.

Na salinha do telefone havia duas poltronas e um sofá feitos de corda e madeira. Foram construídos por um artista plástico amigo dos meus pais, o Hamilton Coelho. Os nossos móveis eram bonitos, mas ficar sentado naquelas cordas por mais do que dez minutos podia causar uma hérnia de disco. Meu pai recebia as visitas ilustres na salinha. Com “ilustres”, entenda-se: pessoas que vinham cobrar dinheiro.

Eu ainda morava em Santa Vitória quando a CRT cortou a linha por falta de pagamento – num só mês, a conta havia ultrapassado 500 reais – e meus pais nunca mais mandaram reativar. Aliás, dinheiro sempre foi um assunto inquietante lá em casa. O fato de ter telefone dava a impressão de que éramos “bem de vida”. Depois, essa mesma impressão dava a piscina de fibra que meu pai mandou colocar no pátio, mas como faltou grana deixou para depois as pedras que deveriam ser postas em volta.

Entenda-se como depois: vinte anos depois.

20/06/2017

A piscina foi posta no ano em que os professores fizeram uma greve de três meses. Minha mãe estava entre eles. Sempre estava. A greve não foi problema para mim. Eu não diferenciava greve de férias. Eu dizia que “estava de greve”. O engraçado era que, mesmo “estando de greve”, eu era obrigado a estudar Matemática, Física, Português e Química em professores particulares, geralmente aposentados ou colegas da minha mãe no Colégio Estadual.

Na salinha do telefone, junto ao espelho defronte à porta principal (que quase tocava no teto), havia uma sineta de bronze. Fazia um barulhão. Minha mãe a levava para as assembleias, os “sinetaços”. Na frente do espelho também havia um castiçal (nunca vi uma vela nele) e um gongo chinês em miniatura que fazia um senhor barulho quando batíamos nele, eu e minha irmã.

Com a greve, o ano letivo se estendeu verão adentro. Para não ficarmos sem veraneio, meu pai comprou a piscina. Contratou o pai do Camilinho e o irmão dele para cavarem o buraco. Lembro aqueles homens grandes suando no pátio, cavando-o. Foram dois buracos. Um grande, para a piscina, e outro pequeno, para o motor. Em seguida a piscina estava instalada. Havia boias para a minha irmã: um colete salva-vidas azul. Para mim não precisava mais, a piscina me dava pé.

Uns amigos dos meus pais também instalaram uma piscina. Na casa deles, porém, a piscina foi logo rodeada de pedras beges, bonitas. Lá em casa, os homens enfiaram-na na terra e assim ficou. Dava certa vergonha. A borda da piscina ficava longe uns 10 cm do cimento, o vão onde as pedras deveriam ser encaixadas. Quando eu perguntava para o meu pai sobre as pedras, ele dizia: agora, depois da colheita. Minha mãe usava outra expressão. Ela dizia: “não se tem dinheiro”.

21/06/2017

Na salinha do telefone, um armário preto abrangia a parede inteira. Tinha prateleiras, gavetas e um nicho para o telefone. Nas prateleiras ficavam os livros da casa. Resumiam-se a meia dúzia de livros sobre agropecuária, uma coleção do Érico Veríssimo, e a enciclopédia Barsa. Na hora de deitarmos, meu pai levava para o quarto o volume doze da Barsa e uma garrafa de cerveja. Antes de dormir, escolhia um tópico para ler enquanto bebia cerveja, que geralmente era a Antártica, ou “Faixa Azul”, como ele dizia: “Traz duas ‘Faixa Azul’ do Baixinho”.

Meu pai bebia, mas nunca o vi bêbado. As garrafas iam preenchendo a mesinha de centro, na sala, e os copos deixando marquinhos na madeira. Às vezes, ele trazia do Chuí um vinho de caixinha, o São Chico, era barato e doce.

Quando eu ia até o Baixinho comprar cervejas, levando entre os dedos os cascos vazios, tinha uma sensação de que os fios de alta tensão podiam rebentar a qualquer momento. Eu ia olhando para cima e, sempre que possível, caminhava fora do alcance dos fios. Ia rente às paredes, contando nos passos as sílabas das frases que pensava. Podia ser uma música ou um pensamento avulso, eu repartia em sílabas, e cada sílaba devia corresponder a um passo. Dizia que a sílaba final ia dar no pé direito, e se desse de fato, ganhava a aposta, que era uma previsão: se a última sílaba cair no pé direito, vou namorar a fulana; se cair no esquerdo, vou conseguir tocar violão e ter mais amigos. No entanto, às vezes eu conseguia perceber, antes da palavra terminar, que a previsão não daria certo. Aí eu abortava a aposta. Afinal, eu que mandava nela.

23/06/2017

Dobrando a esquina de casa, certa vez, foram morar dois irmãos. Giovane e Lucas. Ainda estou na década de 1980. Minha mãe não gostava que eu andasse com eles. Com seis anos, o Lucas já fumava cigarro. Pela primeira vez ouvi falar em maconha. Mas não havia como deixar de andar com eles. Brincávamos de mocinho, pega-pega, fita branca, jogávamos vôlei, futebol. Estavam sempre ali. Lucas pedindo emprestado o meu carte vermelho. Giovane empurrando-o pelo meio da rua, os carros que tivessem cuidado. Pareciam-me inofensivos. Crianças. A birra da minha mãe era com a educação que eles recebiam, com a liberdade, a negligência, a aventura. Pouco tempo depois, eles mudaram para o Centro e perdi o contato até a adolescência, quando os encontrava nas boates do Clube Comercial.

Giovane era bonito. Os cabelos lisos, caramelo, os lábios grossos. Quando fumava, apertava os olhos como os atores de Hollywood. Eu sentia orgulho quando ele me reconhecia na rua e me chamava pelo nome. Uma vez, no mar, ele vinha com a prancha numa onda maior e, quando meu notou à frente, direcionou o bico para bater em mim. Mergulhei na hora, mas as quilhas raspavam na minha cabeça, abrindo um pequeno talho. Subi então à superfície, e vi dois pedaços de prancha balançando nas primeiras ondinhas enquanto ele, sozinho, subia um cômodo de areia. No carnaval de rua daquele ano, um mascarado me imobilizou pelas costas e, enquanto me causava mais e mais dor nos pulsos, dizia: “que saudades”. Podia ser ele, pela voz. Mas também podia não ser.

Lucas era menor. Um ano, eu acho. Cabelo crespo, moreno, tínhamos isso em comum. Um dia, ele estava com um pessoal na Praça General Andreia. Eu ia passando no outro lado da rua. Ele estava inquieto, falava alto, palavrões, quando me viu tirou uma faca da cintura e disse: “ei, vou te matar!”. Avançou contra mim, mas antes de chegar ao meio-fio duas ou três meninas o impediram. Uma delas disse para eu correr, que ele estava cheirado, não sabia o que estava fazendo. Quando dobrei a esquina, corri até a casa da minha avó materna. Lá, deitei na cama dela e, entre os livros do Pietro Ubaldi, fiquei olhando para o teto. Minha respiração fazia as madeiras da cama ranger. Eu tinha visto a navalha; e os olhos dele diziam que ele realmente estava a fim de matar. Uma vez, eu ia saindo da boate Gota d’Água, ele me pediu uma carona. “Entra aí”, eu disse. Eu andava no Del Rey que meu pai recebera do primeiro arrendamento depois que deixara de plantar arroz. Levei-o até uma casa, na Coxilha. Fomos conversando sobre o tempo em que éramos vizinhos, embora ele não se lembrasse de nada. Eu lembrava e ia dizendo. As brincadeiras, o carte, o cigarro que ele fumava enquanto eu ainda sentia saudades da mamadeira. Ele fingia lembrar, balançava a cabeça, e quando queria dizer meu nome chamava-me de Gustavo, Gabriel, todos os nomes com “G” menos o meu.

Quando chegamos ao endereço, pediu para esperar lá fora. Eu disse que tudo bem e comecei a sentir medo, acho que foi medo, sim. Esperei-o no escuro da Coxilha; a rua era próxima às capelas. Ele então retornou com um pacote retangular e pensei que fosse um torrão de rapadura.

Voltamos para a boate. Ele desceu e disse: “cara, esqueci como tu era gente fina”. Anos depois, o mataram pensando que era o irmão. Pelo que contam, os caras entraram na casa e atiraram nele, que estava dormindo debaixo das cobertas.

Giovane sobreviveria ainda uns anos.

12/07/2017

Dobrando a esquina de casa, em frente ao Colégio Estadual, ficava a casa de outro amigo: o Luís. Luís não fazia parte da turma da General Portinho, propriamente, mas éramos amigos do peito. Sua mãe era amiga de infância da minha, e o pai dele, do meu. Administravam a copa do Clube Comercial desde que o pai dele tinha deixado de plantar arroz. Meu pai também precisou parar de plantar arroz por causa das perdas com o plantio, o clima, a dificuldade em pagar as dívidas com o banco. Mas isso ocorreu só um tempo depois.

Eu e o Luís íamos para o clube, antes das boates. Tirávamos os tênis e com as meias escorregávamos no salão ainda vazio. Quando a música começava a tocar, e o salão enchia de gente, nós saíamos para a copa.

Luís tinha um irmão mais velho, o André. As meninas, amigas do André, costumavam dar beijinhos no irmão bonitinho e eu ficava de fora. Embora tivéssemos a mesma idade, cresci muito rápido. Com doze anos já tinha aparência de adolescente. Minha voz era fina, terrível. As amigas do André enchiam o Luís de beijinhos enquanto eu ficava esperando como se não tivesse sido convidado.

No verão, o Luís era o nosso convidado para veranear na Barra do Chuí. Ficávamos juntos um mês inteiro. Graças à popularidade dele com um pessoal que ia de Porto Alegre passar o verão, eu me enturmei com muita gente legal e até arranjei umas paixões. Nessa época, para vencer a timidez, resolvi que tocar violão podia ser uma boa estratégia. Luís foi o meu primeiro parceiro musical. Compusemos um rock que chamamos de “O mundo necessita”, cujo verso final, “olhe para aí, enxergue aí”, era uma referência a uma música da dupla Leandro & Leonardo.

Fazíamos luau, saíamos em serenata pedindo goiabada com pão. Jogávamos videogame, andávamos de bicicleta, jogávamos pingue-pongue no clube, fliperama. Luís e eu nunca fomos bons no futebol. Eu era ainda pior.

Um dia, Vânia, a irmã mais velha do Pedro, foi lá em casa para usar o telefone. Eu e meu pai estávamos na sala. Vânia usou o telefone e foi até a sala agradecer. Quando estava saindo, meu pai disse que a calça dela estava manchada na bunda. De repente, minha lembrança me leva para a salinha do telefone. Estamos, eu e Vânia, defronte à porta de entrada. Ela pede que eu mostre onde está a mancha, e se curva de modo que a bunda de repente se abre diante dos meus olhinhos que brilham de temor e vontade.

“Toca onde é”, ela diz.

Toquei. Com o dedo, bem de leve. Era amarelada a manchinha. Quase nada. Depois contei ao Luís e ele ficou impressionado. “Que chance”, ele dizia, “que chance...”. Por dias, eu e ele fantasiávamos a próxima vez em que Vânia fosse usar o telefone. Diríamos que havia uma nova mancha. Maior, desta vez. E a levaríamos para o quartinho dos fundos; o quartinho onde meu pai pretendia, há anos, construir um banheiro, mas nunca o fazia. Estava cheio de entulhos, mas o bom é que ninguém aparecia por lá. Antes, pediríamos que ela passasse um batom cor-de-rosa. Fariamos com ela tudo o que nossa imaginação de 12 anos conseguiu inventar em termos de sexo. Nunca nos masturbamos tanto quanto naqueles dias em que reconstruímos uma oportunidade para sempre perdida.

13/07/2017

Eu e Luís nos distanciamos ainda na infância. Ele cresceu, conheceu outros meninos, preferia andar com eles. Uma vez, já éramos crescidos, saindo de uma festa vi que Luís e sua turma estavam mijando no Del Rey. Ele e mais dois caras despejavam suas urinas, por diversão, na porta do motorista. Era o carro que meu pai havia recebido como pagamento de um arrendatário do campo; era o primeiro ano depois de ter parado de plantar. Quando me viu, Luís ficou envergonhado. Depois disse que não sabia que o carro era meu. Voltei para dentro da festa. Estava irado. Bebi e bebi mais cerveja. A certa altura, enxerguei um de seus amigos. Ele era alto, forte, chegou a jogar no Brasil de Pelotas. Joguei cerveja nele. Ele podia facilmente ter me dado uma surra. Nenhuma raiva me daria tanta força para derrotá-lo.

Ele não fez nada.

Poupei do banho de cerveja o meu amigo. Poucas vezes nos falamos depois disso. Quando

publiquei meu primeiro livro, ele pediu que lhe enviasse um exemplar. Enviei. Conversamos pelo Messenger. Ele disse que eu era como um irmão para ele, e isso foi tudo. Quando lembro aquela festa, penso que eles me pouparam por absoluta pena. A misericórdia de quem tem realmente o poder. Dizem que, numa partida, Garrincha poupou o goleiro do time adversário de uma goleada humilhante e, estando de frente para o gol, chutou deliberadamente para tiro de meta.

Sinto-me esse goleiro.

24/07/2017

Ainda pequeno, tive um amigo muito próximo, o Régis. Nossos pais viviam fazendo programações. Os pais dele tinham muitos hectares de campo e plantavam arroz. O campo deles ficava no mesmo subdistrito da campanha onde meu pai também plantava arroz, mas em bem menos hectares: a Canoa Mirim.

Eles viviam em uma casa simples, alugada, sem luxo, mas muito bem cuidada. Tenho bastante clara a topografia da casa. A sala de estar, logo à direita de quem entra. Os pufes. O sofá grande e um janelão para o jardim, onde plantavam copos-de-leite. Volta e meia encontrávamos os cocôs embranquecidos do vira-lata de estimação. Régis também tinha uma gata, que às vezes comia os filhotes.

Muitas noites dormi no quarto que ele repartia com o irmão mais velho. Mas tinha a orientação de não dormir na cama do irmão, porque ele mijava dormindo.

Havia um guarda-roupa enorme, de parede inteira, com figurinhas do *Amar é...* coladas no interior das portas. Todas as roupas e os lençóis e os cobertores dobrados perfeitamente bem, os sabonetinhos para exalar perfume no momento em que abríamos o guarda-roupa.

No Natal, eles organizavam a Chegada do Papai Noel para os filhos dos empregados da granja. No galpão, onde se armazenavam os grãos de arroz, montava-se uma potente aparelhagem de som, com música e microfone para o animador perguntar às crianças o que haviam pedido ao Papai Noel. Uma vez, eu respondi: “uma marionete”. Eu de fato havia pedido uma caixa de fantoches com as personagens do Pinóquio. O animador disse no microfone: “uma caminhonete para o menino!”, e ganhei um caminhãozinho de plástico.

Não muito tempo depois, eles construiriam uma casa mais próxima ao centro. Era um sobrado. Os quartos individuais para os filhos e o casal, todos no andar de cima. No quarto do Régis havia um quadro com cavalos entalhados em madeira. E havia um aquário cheio de peixes. Às vezes, pegávamos um peixinho e jogávamos num pote de Nescafé com álcool. Ficávamos olhando o peixinho nadar e rodar cada vez mais rápido até parar morto.

Na casa nova, surgiram novos amigos. Num dia em que havia uma janta com vários casais, os novos amigos resolveram fazer uma lista das casas maiores e mais bonitas de Santa Vitória. Estavam nos primeiros lugares as casas deles próprios. A minha casa não figurou.

No pátio da casa antiga, da coxilha, havia uma amoreira e a raiz de uma costela-de-adão que parecia uma cobra.

Havia uma fita do Ultraje a Rigor; ríamos da música “Nu com a mão no bolso”.

Reproduções do Picasso no corredor.

Carrancas.

Galos portugueses.

Strogonoff com champignons.

(A mãe dizia que nunca faria strogonoff em casa, pois era comida de rico).

A empregada me chamando de Castrado.

A Caravan.

Uma vez sonhei que fazia minha festa de aniversário na casa deles. Nunca disse aos meus pais.

Recebido em: 20 dez. 2018.

Aprovado em: 11 fev. 2019.